

## OS ENVOLTOS DA CULTURA E A CONSTANTE AMEAÇA OCIDENTAL

Matheus Domingo dos Santos Silva\*

**RESUMO:** A temática abordada neste artigo é voltada a uma análise acerca de um paralelo referente às formas às quais o saber ocidental caracteriza e limita os demais por conta de suas próprias essências, sendo essa análise historicamente contextualizada em meados das grandes navegações e nos tempos atuais. Com mais exatidão, trata-se de um estudo baseado nos conceitos de colonialidade e colonialismo, e as suas explícitas relações com o apagamento e invisibilização de diversos saberes ao redor do globo. O objetivo central desta pesquisa é explorar, principalmente, o elo entre a desvalorização de culturas de origem afrodescendente e de povos originários do Brasil, e os meios utilizados pelo sistema dominante ocidental, cujas intenções não só estão voltadas para a extinção da diversidade, bem como para a universalização dos seus saberes e costumes, em detrimento da subjetividade humana e do esquecimento dos saberes locais.

**Palavras-Chave:** Sociologia, Cultura, Colonialidade, Colonialismo e Diversidade.

**ABSTRACT:** The theme addressed in this article is focused on an analysis about a parallel referring to the ways in which Western knowledge characterizes and limits the other because of its own natures, and this analysis is historically contextualized in the mid-great navigations and present times. More accurately, it is a study based on the concepts of coloniality and colonialism, and its explicit relations with the erasure and invisibility of various knowledge around the globe. The central objective of this research is to explore, mainly, the link between the devaluation of cultures of Afrodescendant origin and of peoples originating in Brazil, and the means used by the Western dominant system, whose intentions are not only focused on the extinction of diversity, but also to universalize their knowledge and customs, to the detriment of human subjectivity and the forgetfulness of local knowledge.

**Key Words:** Sociology, Culture, Coloniality, Colonialism and Diversity.

### Introdução

Este artigo foi desenvolvido a partir de leituras, conceitos e discussões feitas nas aulas de Sociologia e Filosofia no Colégio Pedro II, no decorrer dos anos letivos de 2019 e 2020 (que se estende no ano calendário de 2021 devido à pandemia da COVID-19).

O colonialismo, segundo Maldonado-Torres (*apud* OLIVEIRA, 2012, p.49), “denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação e que constitui tal nação um império”. Assim como é abordado por Torres, o

---

\* Estudante do 2º ano do Ensino Médio Integrado em Desenvolvimento de Sistemas do Colégio Pedro II / Campus Tijuca II, localizado no Rio de Janeiro. E-mail: matheus.domingo.08@gmail.com.  
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 27, 1º sem. 2021, p. 161-166

sistema colonial, de maneira geral, utilizou de conceitos compreendidos pelo ocidente, tais como a “humanidade”, a fim de desumanizar grupos étnicos que divergiam dos seus, e, por conseguinte, prosperar sobre suas culturas, suas línguas, costumes e saberes. Seguindo essa linha de raciocínio, é possível compreender uma similaridade entre a colonização sofrida pelos povos originários das Américas e a colonialidade sofrida por todos os saberes cujos costumes e ideais divergem do saber dominante do ocidente (SHIVA, 2003).

Neste contexto, faz-se necessário prostrar acerca do uso do conceito de humanidade manipulado por aquele sistema ocidental, em meio à “descoberta” das nações indígenas pelos europeus. Dando continuidade a este tópico, é imprescindível citar o seguinte trecho de “Ideias para adiar o fim do mundo”, do intelectual indígena Ailton Krenak (2019, p. 11):

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade de, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história.

Ao argumentar acerca do ideal de humanidade pertencente aos europeus, Krenak explicita essa relação entre uma humanidade sã e, por sua vez, brilhante, iluminada, e uma outra “coisa”, criaturas necessitadas dessa luz, obscuras, tendo em vista que as suas próprias essências os tornariam - e ainda tornam - uma espécie isenta de qualquer sabedoria, conhecimento, cultura e tudo que era atrelado ao ser humano por meio deste conceito. Além do mais, as premissas concebidas a respeito dos povos indígenas pelo povo europeu, ao desenrolar da colonização, estavam sustentadas numa concepção talvez jamais vista em tal nível de crueldade: a redução de pessoas diferentes a uma sub categoria de seres, onde, até mesmo a existência de suas almas era questionada e, sendo seres julgados não merecedores até mesmo da vida, seus corpos passaram a equivaler menos do que o lucro que aquela nova terra poderia gerar. E, dessa forma, aconteceu o genocídio dos povos originários.

Como tópico de finalização da ótica apresentada, torna-se imperioso pontuar que pessoas escravizadas retiradas brutalmente de seus países natais, racializados que são, foram submetidas a sofrimentos nos quais podemos encontrar certas similaridades a termo de comparação com povos indígenas. Após todo o contexto de escravização dos povos oriundos do continente africano no Brasil, constata-se uma semelhança entre esses: as suas culturas foram

e ainda são alvos de intolerância ao redor de todo o globo. Embora a escravização do povo preto e a colonização dos povos originários tenham chegado ao fim, esses seguem com as consequências deixadas por uma história marcada com o sangue de seus antepassados. As suas capacidades e formas de beleza são niveladas a falácias do tipo: “até que é inteligente para uma pessoa preta”, ou “esse índio até que é bonitinho”. Além disto, as religiões de matrizes africanas sofrem constantemente de ataques guiados pelo *racismo estrutural*<sup>1</sup> aqui existente. Nem mesmo o surgimento de uma pandemia pararam os ocorridos, visto que, segundo o G1, portal de notícias do Rio de Janeiro, cinco casos foram registrados num período de dois meses<sup>2</sup> enquanto os centros de Umbanda e Candomblé estavam fechados.

Em suma, os estigmas relacionados aos grupos aqui mencionados se perpetuam ao passar dos anos e contribuem para uma sociedade menos diversa, cujos passos para a homogeneidade seguem longos e ligeiros.

## 2. A homogeneização cultural e a extinção da subjetividade humana

O primeiro plano da violência desencadeado contra os sistemas locais de saber é não considerá-los um saber. A invisibilidade é a primeira razão pela qual os sistemas locais entram em colapso, antes de serem testados e comprovados pelo confronto com o saber dominante do Ocidente. (...) Quando o saber local aparece de fato no campo da visão globalizadora, fazem com que desapareça, negando-lhe o status de um saber sistemático e atribuindo-lhe os adjetivos de primitivo e anticientífico (Shiva, Vandana. 2003, p. 22 e 23).

Assim como é apresentado por Vandana Shiva, o saber ocidental, em sua forma mais pura, exclui, segrega e destrói os saberes locais. Analogamente, reforça o seu saber pretensamente universal como o único racional, o *sui generis* pertencente ao que eles denominam "humanidade", termo já contextualizado anteriormente neste texto.

Nessa linha de raciocínio, faz-se necessário explicitar os milhares de saberes ignorados e inviabilizados pelo ocidente. Atualmente, no continente Africano, são faladas, pelo menos, duas mil e noventa e duas línguas<sup>3</sup>. E não só isso, ainda é possível considerar os mais de oito

<sup>1</sup> Racismo estrutural se refere a um conjunto de práticas nos âmbitos sociais que permitem a manutenção de um sistema hierarquizado em função da raça – enquanto conceito sociológico. É, como se pressupõe pelo nome, internalizado na sociedade como um todo.

<sup>2</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/22/apesar-de-criacao-de-delegacia-templos-de-religoes-de-matriz-africana-sao-atacados-ate-durante-a-pandemia-no-rj.ghtml>

<sup>3</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/11/22/apesar-de-criacao-de-delegacia-templos-de-religoes-de-matriz-africana-sao-atacados-ate-durante-a-pandemia-no-rj.ghtml>

mil dialetos. A título de curiosidade, isso representa cerca de 30% de todas as línguas faladas ao redor do globo. Embora se faça presente uma multiplicidade linguística no continente Africano – um pequeno exemplo da enorme diversidade cultural desses povos –, as poucas notícias que as grandes mídias ocidentais relatam acerca desse continente se restringem a uma narrativa de pobreza e escassez, generalizando sua população na condição de necessitada. Os seus conhecimentos e saberes são ignorados, afinal, nenhuma outra forma de conhecimento é válida, se não a encontrada no continente europeu.

Nesse sentido, é válido relacionar o fato citado com os conceitos de colonialidade do saber e a geopolítica do conhecimento, dados por Quijano (*apud* OLIVEIRA, 2012). De acordo com o pensador, a colonialidade do saber pode ser compreendida como a repressão de outras formas de produção de conhecimento não europeus, onde tem-se a negação do legado intelectual de pessoas cuja etnia divergem da branquitude europeia. Em síntese, a repressão da enorme inteligência do povo Africano é só mais uma das várias tentativas de re-colonizarem os espíritos dessas pessoas.

Outrossim, torna-se inevitável citar, brevemente, a forma como o ocidente exclui, implicitamente - ou não -, tudo o que não é referente a este. Dentre os cinquenta e quatro países da África, vinte e sete deles têm línguas europeias como línguas oficiais. Outros dezoito, tem, pelo menos, uma língua europeia como língua oficial. Em suma, ao longo do seu processo de colonização, o continente africano foi vítima de um apagamento cultural. As suas línguas foram inferiorizadas ao ponto de serem, em grande parte, substituídas por línguas nativas dos países europeus e as incansáveis tentativas de fazer aquele povo acreditar nas demonizações de seus costumes e saberes se perpetua até os dias atuais. Seus conhecimentos linguísticos foram ignorados, afinal, nada ali provinha de pessoas brancas, faltava a racionalidade ocidental para que esses saberes fossem efetivados e categorizados como dignos de apreciação.

Sobretudo, tem-se nessa perspectiva a condução das pessoas africanas à chamada "geopolítica linguística" (MIGNOLO, 2017), na qual suas línguas estavam no campo externo estabelecido pelo monopólio das línguas coloniais, e, portanto, foram e ainda são inferiorizadas.

### **Considerações finais**

No entanto, o sistema dominante também é um sistema local, com sua base social em determinada cultura, classe e gênero. Não é universal em sentido epistemológico, é apenas a versão globalizada de uma tradição local extremamente provinciana. Nascidos de uma cultura dominadora e colonizadora, os sistemas modernos de saber, são, eles próprios, colonizadores (Shiva, Vandana, 2003, p. 21).

Diante de um panorama caracterizado pelo desaparecimento de culturas e saberes, Vandana Shiva passa a salientar o denominado saber colonizador, esse, inerente ao sistema ocidental, cujos ideais estão em conformidade com o desaparecer da diversidade humana. Com a finalidade de integrar as sociedades humanas em um mesmo recipiente de mistura homogênea, a dominação ocidental busca, de todas as formas, mínimas que sejam, enfatizar uma narrativa grotesca e até ultrapassada acerca de diversos âmbitos sociais. Suas instituições de padronização passam não só a focalizar culturas e costumes, como também têm relações diretas com o desaparecer de faunas, floras e sociedades naturais inteiras. A homogeneização por eles exercida afeta a humanidade - e dessa vez, me refiro ao conceito amplo e de fato humano - de tal forma, que inclusive os arredores sofrem as consequências. Sob essa lente, reflete Ailton Krenak (2019, p.19)

Os Massai, no Quênia, tiveram um conflito com a administração colonial porque os ingleses queriam que a montanha deles virasse um parque. Eles se revoltaram contra a ideia banal, comum em muitos lugares do mundo, de transformar um sítio sagrado num parque. Eu acho que começa como parque e termina como parking. Porque tem que estacionar esse tanto de carro que fazem por aí afora.

Em síntese, no plano atual, identifica-se a necessidade imediata de uma reparação desse sistema, considerando que os meios utilizados para a extinção da diversidade natural - e, quando digo natural, me refiro à natureza, da qual os seres humanos fazem parte - encontram-se cada vez mais preocupantes. Os milhares saberes da humanidade, dos esquecidos pelos fatores anteriormente citados, até os que se perpetuam na contemporaneidade, estão ameaçados pela dominância ocidental, e, enquanto esse saber estiver intrinsecamente ligado ao poder, o cenário apresentado será, exponencialmente, agravado. Afinal, como pontua Vandana Shiva (2003, p.25): “O saber dominante também destrói as próprias condições para a existência de alternativas”.

**Referências Bibliográficas:**

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MIGNOLO, Walter. “Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade”. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Epub, 2017.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. “História, epistemologia e interculturalidade” In: História da África e dos africanos na escola. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente. São Paulo: Gaia, 2003.